

Não-eu: a busca incessante do *performer* por si mesmo

Daniel dos Santos Colin
 Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - UFRGS
 Mestrando – Teatro e Performance – Or. Profª. Dra. Inês Alcaraz Marocco
 Bolsista REUNI
 Diretor e ator do grupo Teatro Sarcástico (Porto Alegre/RS)

“O corpo é o lugar onde o mundo é questionado” (LE BRETON, p. 44-45)

A *performance* intitulada *BE_once*, dirigida por mim, realizava-se em 20 minutos e foi apresentada em duas ocasiões, ambas na Usina do Gasômetro, em Porto Alegre. *BE_once*, como o próprio título da *performance* sugere¹, consistia na transformação dos corpos dos seis *performers*, utilizando o modelo corporal da cantora norte-americana Beyoncé como referência. A partir dos corpos metamorfoseados, os *performers* tinham que realizar a coreografia do videoclipe “Single Ladies (Put A Ring On It)”², que era transmitido em uma TV. “Sejam as ‘Beyoncé’s’ mais perfeitas que vocês conseguirem!”, era a orientação dada aos *performers*, que utilizaram procedimentos como depilação, escurecimento da pele com maquiagem, uso de perucas, levantamento do nariz com esparadrapos e afunilamento da cintura por meio de cinta modeladora, por exemplo. A escolha de Beyoncé e, sobretudo, do videoclipe supracitado não foi aleatória: a coreografia executada pela cantora e suas dançarinas virou “febre” na internet e tornou-se referência para diversos *flash mobs*, seriados de TV, filmes, bem como para cidadãos comuns que, gravando a si mesmos, expuseram-se como “fantasias anatômicas” (CABALLERO, p. 50) de Beyoncé em inúmeros vídeos no Youtube.

Em *BE_once*, os *performers* “brincavam” com a possibilidade de mudar suas identidades através da reconfiguração de seus corpos, o que coincide com duas reflexões de Le Breton: a primeira diz que “*todo corpo contém inúmeros outros corpos virtuais que o indivíduo pode atualizar por meio da manipulação de sua aparência e de seus estados afetivos*” (*apud* MALYSSE, p. 79), ao passo que a segunda percebe que

¹ A expressão da língua inglesa “BE_once” significa “seja uma vez” e é notadamente um trocadilho com o nome da cantora norte-americana.

² “A coreografia do videoclipe teve um grande sucesso, ganhando vários tipos de imitações e paródias. De acordo com o jornal Toronto Star, a coreografia se tornou conhecida por ser a primeira grande mania de dança do milênio e da internet. (...) O clipe de Single Ladies (Put a Ring on It) foi dirigido por Jake Nava (...) O vídeo foi lançado em 13 de Outubro de 2008. Beyoncé aparece com um maiô preto e rebolando e com duas dançarinas - Ashley Everett e Ebony Williams - uma de cada lado. Ao decorrer do clipe Beyoncé faz inúmeras coreografias cansativas e com alto nível de dificuldade. (...) Foi a coreografia mais imitada no YouTube (...) O vídeo de Single Ladies (Put a Ring On It) ganhou diversas premiações, como Melhor Vídeo do Ano da Revista Rolling Stones (em 2008), BET's Awards 2009 e foi o Vídeo no Ano no VMA 2009.” (http://pt.wikipedia.org/wiki/Single_Ladies_%28Put_a_Ring_on_It%29)

o corpo não é mais apenas, em nossas sociedades contemporâneas, a determinação de uma identidade intangível (...), mas uma construção (...), um objeto transitório e manipulável suscetível de muitos emparelhamentos. (...) Hoje o corpo constitui um alter ego, um duplo, um outro si mesmo, mas disponível a todas as modificações, prova radical e modulável da existência pessoal e exibição de uma identidade escolhida provisória ou duravelmente (LE BRETON, p. 28).



Alguns exemplos de pessoas que parodiam ou homenageiam o videoclipe de “Single Ladies...”

Um dos objetivos da *performance* era o de confrontar duas ideias de modelo corporal: a primeira delas seria referente à cantora Beyoncé, cujo corpo poderíamos chamar de “canônico”, ou seja,

(...) equivalente a uma determinada corporeidade físico-anatômica predominante na cena sociocultural contemporânea e corresponde a um modelo de construção da identidade e da imagem próprio das últimas décadas do século XX. É sinônimo do modelo corporal, marcado pelo culto à chamada boa forma física, o corpo estandarizado onipresente nos meios de comunicação de massa (FONTES, 2007, p. 74).

Já cada um dos *performers*, com seus corpos desiguais e fora dos padrões estabelecidos, seria denominado como “dissonante”, termo que denominaria

um corpo não válido quando comparado e confrontado com a lógica da boa forma e do vigor físicos. O corpo dissonante, (...) aquele que não adere aos artifícios de reformulação e adequação da aparência, tende a despertar reações de estranhamento e até mesmo de repulsa (FONTES, 2007, p. 84).

Através do confronto real entre dois modelos diferenciados de corpo – o “canônico” e o “dissonante” –, fazendo com que um se (re)modelasse no outro, *BE_once* quer fundamentalmente criticar a padronização dos corpos, uma das grandes características da corpolatria, tão em voga nas últimas décadas:

(...) os corpólatras tornam-se os Pigmalhões do próprio corpo, esculpindo-o e desenhando-o ao longo dos regimes e das sessões de musculação e

procurando imitar os corpos prestigiosos apresentados pela mídia ou simplesmente vistos na praia ou na academia. (...) Na busca de um corpo ideal, os indivíduos incorporam as imagens-norma dessa nova estética e se condenam a uma aparência que lhes escapa irremediavelmente (MALYSSE, p.132-134).

Os processos de (re)construção corporal pelos quais as pessoas se submetem para se encaixarem nos moldes de padrões de beleza ou para se parecerem com seus ídolos particularmente me impressionam. Desde atividades aparentemente inofensivas como dietas rigorosas, até práticas mais extremistas – cirurgias plásticas – passando por bronzamentos (artificiais), lipoaspirações, “malhação”... *“Existe uma verdadeira indústria em torno da produção de corpos e desejos sobre os corpos”* (MOMO & CAMOZZATO, p.38). Mas o que está por trás desta corpolatria desenfreada é bem mais profundo e preocupante:

o indivíduo contemporâneo busca em seu corpo uma verdade sobre si mesmo que a sociedade não consegue mais lhe proporcionar. Na falta de realizar-se em sua própria existência, este indivíduo procura hoje realizar-se através de seu corpo. Ao mudá-lo, ele busca transformar a sua relação com o mundo (LE BRETON apud GOLDENBERG).

O primeiro procedimento usado por cada um dos *performers* nos ensaios foi o de comparar detalhes de seu corpo com os da cantora, tentando levantar pontos específicos de sua “dissonância corporal” para poder “consertá-los”. Dessa maneira, tornou-se extremamente pessoal o trabalho dos *performers*, já que cada um possuía atributos diferentes a serem remodelados: enquanto os homens precisavam esconder ou modificar seu gênero, por exemplo, as mulheres tentavam disfarçar suas diferenças através de alisamento do cabelo ou do aumento de quadril com artifícios extracorporais, como enchimentos. No meu caso, especificamente, fiquei preocupado em parecer mais magro, em disfarçar minha barriga e minhas coxas grossas, tendo em vista que peso cerca de 40 kg a mais que a cantora. Meu processo foi de pesquisar formas de “emagrecimento rápido” durante os ensaios, e acabei optando por manter o uso de cinta e bermuda moduladoras.

Através da tentativa de assumirem um corpo que não era o seu, os *performers* colocavam à prova essas imagens-normas, que, segundo Malysse, vão convidando os espectadores a considerar seu corpo como defeituoso e vão incentivando-os a “corrigir” esse corpo através de *“numerosos rituais de autotransformação, sempre seguindo os conselhos das imagens-normas veiculadas pela mídia”* (MALYSSE, p. 94). É precisamente na crítica a essas convenções sociais, através de um discurso corpóreo que seja oposto a elas, que reside a maior qualidade de *BE_once*: frente à ficção de uma forma corporal imposta por rituais sociais estabelecidos, os artistas apresentam um corpo diferenciado, que se aproxima do que Glusberg escreve como *“(...) um corpo que dramatiza, caricaturiza, enfatiza ou transgride a realidade operativa.”* (GLUSBERG, p. 57).



BE_once (2009), performance dirigida por Daniel Colin. Teatro Sarcástico (Porto Alegre/RS)
Foto: Patrícia Salge Lessa Colin.

É de extrema importância ressaltar que a modificação corporal realizada em prol de um modelo exterior ao próprio corpo não diz respeito apenas à forma física, pois, ao mudar seu corpo, a pessoa vai tentar controlar tudo aquilo que foge ao seu controle na vida social, já que

ela escolhe uma forma física 'nova', indo atrás de um modelo que a personifique e com o qual se identifique. No entanto, esse modelo corporal não é apenas formal, uma vez que o sujeito incorpora também os valores morais (corporeidade modal) incluídos em sua constante reconstrução (MALYSSE, p. 96).

A frase irônica proferida por um dos *performers*, ao final de cada apresentação, ilustra bem esta afirmação: “E lembre-se: você sempre pode ser melhor do que você mesmo!” Pois, como escreve Le Breton, “*se não é possível mudar suas condições de existência, pode-se pelo menos mudar o corpo de múltiplas maneiras*” (LE BRETON, p. 28).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABALLERO, Ileana Diéguez. *Escenarios liminales: teatralidades, performances y política*. Buenos Aires: Atuel, 2007.

FONTES, Malu. Os percursos do corpo na cultura contemporânea. In: COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. (orgs.). *Corpos mutantes: ensaio sobre novas (d)eficiências corporais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 73-87.

GLUSBERG, Jorge. *A arte da Performance*. Trad. Renato Cohen. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2009.

GOLDENBERG, Mirian (org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2003.

MALYSSE, S. Em busca de (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, M. (org.). *Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 79-138.

MOMO, Mariangela.; CAMOZZATO, Viviane Castro. O inescapável consumo de si mesmo: pensando a fabricação dos sujeitos contemporâneos. In: COSTA, M. V. (org.). *A educação na cultura da mídia e do consumo*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 38-40.

PERFORMANCE

BE_once. *Performance* artística apresentada na Usina do Gasômetro, em 26/03/2009 (mezanino) e em 26/03/2010 (hall de entrada). Direção: Daniel Colin. *Performers*: Daniel Colin, Guadalupe Casal, Ricardo Zigomático, Rodrigo Marquez, Tatiana Mielczarski e Vania Tavares. Participação especial: Rossendo Rodrigues (2009) / Claudio Loimil (2010). Porto Alegre, 2009-2010.

VIDEOGRAFIA

NAVA, Jake. *Single Ladies (Put a Ring on It)*. Com Beyoncé Knowles, Ashley Everett e Ebony Williams. EUA, 2008.